



Memória e representações coletivas nas Copas do Mundo. Um panorama teórico¹

Alvaro Vicente do Cabo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

O objetivo principal do presente artigo é estabelecer um panorama teórico sobre as discussões concernentes a memória e as representações coletivas nas Copas do Mundo. Através da análise de algumas pesquisas sobre o principal torneio de futebol mundial pretende-se discutir conceitos pertinentes a questão da memória das Copas e das representações coletivas dos estilos de jogo propagados por órgãos da imprensa durante os torneios e que se afirmam no imaginário coletivo como o "futebol-arte" brasileiro, a "garra charrúa" uruguaia ou a "viveza criolla" argentina por exemplo. Apontar a necessidade de investigar de forma crítica a reprodução dessas representações e a difusão desses mitos no imaginário coletivo dos países sul-americanos pela mídia deve ser a principal contribuição deste texto para uma discussão teórica muito mais ampla sobre a temática Copa do Mundo na academia.

Palavras-chave

Memória; Representações coletivas; Copas do Mundo; Panorama teórico.

INTRODUÇÃO

Como estabelecer a importância dos torneios mundiais de futebol para a formação da memória coletiva dos países? Qual a função das representações coletivas geradas pelo discurso da imprensa de cada país nas conjunturas históricas de uma Copa do Mundo?

Obviamente estas questões são muito complexas e não cabe respondê-las neste breve artigo, contudo algumas ponderações teóricas podem ser feitas. Investigar o processo de construção da memória nos torneios mundiais de futebol e as múltiplas representações geradas pela imprensa esportiva a partir dos “estilos de jogo” e dos resultados obtidos pelas seleções mais tradicionais podem ajudar nas reflexões propostas.

No caso do futebol uruguaio que venho pesquisando faz alguns anos por exemplo, jogadores como “Manco Castro”, José Leandro Andrade, José Nasazzi, Alcides Ghiggia, Obdúlio Varela, Roque Gastón Máspoli entre outros são glorificados

¹ Trabalho apresentado no GP Esporte e Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação



até os dias atuais e tratados como heróis que transcendem o domínio esportivo, símbolos de identidade na República Oriental do Uruguai.

O próprio Estádio Centenário representa um dos “lugares da memória”, assim como estabelece Philipp Nora (1984), e o acervo do museu localizado em uma das entradas principais remete as conquistas passadas de um período vencedor.

Buscar entender a importância dos conceitos de memória e representações coletivas e a relação do discurso da imprensa esportiva nos períodos das Copas do Mundo pode auxiliar as pesquisas científicas sobre a temática.

a) Memória coletiva e Copas do Mundo

Segundo o historiador Jacques Le Goff a memória no mundo contemporâneo tem uma relação direta com a identidade e passa por uma instrumentalização de poder.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objectivo de poder. (LE GOFF : 1984, 46)

Nesse sentido Le Goff sinaliza as disputas existentes entre os diversos atores sociais para transformarem-se em senhores da memória. As lembranças regularmente acionadas e os fatos “esquecidos” fazem parte de um embate dialético travado para a construção de uma memória coletiva onde os meios de comunicação têm um papel crucial.

Tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF :1984, 13)

O jornalista Sergio Souto ao trabalhar na sua dissertação com a construção da memória do goleiro Barbosa após a final da Copa do Mundo de 1950 pela imprensa brasileira destaca o papel dos jornais como senhores da memória. A elaboração posterior da culpa do arqueiro que supostamente teria falhado no segundo gol passa por disputas específicas e reconfigurações ao longo dos anos pelos diversos atores que disputam essa posição de “senhores da memória”. Sobre este papel, Souto escreve:

Entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais constituem-se como um dos *senhores da memória* da sociedade, aumentando seu campo de atuação e, sobretudo, o seu poder. É preciso considerar ainda que o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial nesse trabalho a dialética



lembrar e esquecer. Aos relatos que devem ser perenizados, imortalizados pela prisão da palavra escrita, contrapõem-se outros que devem ser relegados ao esquecimento (SOUTO: 2002, 31)

Em outro trabalho recente “ Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002” publicado na coletânea de artigos “Mídia e Memória” o autor investiga o papel de três cronistas esportivos conhecidos nacionalmente (Fernando Calazans, Juca Kfourri e o ex-jogador Tostão). Segundo Souto, esses atores defenderiam a manutenção de uma memória futebolística brasileira focada na representação do estilo de jogo “futebol-arte”, opondo-se a uma corrente mais pragmática que naturalizaria as transformações da mercantilização do esporte oriundas das mudanças ocorridas pelo processo de globalização em detrimento dos valores “tradicionais”.

Ao se analisar o papel dos colunistas, também se trabalha com a concepção de que eles exercem o papel de “guardiões da tradição, atuando como construtores da memória de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração. É importante registrar que a trajetória da seleção brasileira ao longo dos anos, bem como a representação identitária, é em grande medida, forjada pela imprensa. É que esse processo se dá, ora pelo lado do silêncio, ora pela lembrança de determinados fatos e acontecimentos, que vão sendo construídos, em sintonia com uma visão de mundo num processo não-estático e dialético. Tanto o esquecimento, quanto a lembrança são construções que ajudam a referendar o poder simbólico e real da imprensa na sociedade, e neste caso, dos colunistas em particular. (SOUTO:2007,304)

A questão levantada sobre a disputa no campo da imprensa esportiva de qual corrente será responsável pela perpetuação da memória futura acerca do torneio mundial de 2002 é extremamente relevante para refletirmos teoricamente sobre os tensionamentos existentes nos processos de elaboração e ressignificações da memória das Copas.

A doutora em letras Leda Maria da Costa trabalha em sua tese sobre a trajetória das principais derrotas com os “vilões” da seleção brasileira em Copas do Mundo a partir da imprensa esportiva. Além disso, também aduz que a construção da memória das principais partidas, sejam vitórias, derrotas ou mais especificamente os personagens envolvidos, foco da sua pesquisa, passa por disputas no campo analisado.

No entanto, ela ressalta que não se trata de uma via de mão única, como uma agulha da Teoria Hipodérmica², visto que os espectadores/leitores têm um papel

² A Teoria Hipodérmica diz respeito a influência dos meios de comunicação em massa exercido sobretudo através das propagandas dos regimes totalitários e que segundo os estudiosos seria imposta



fundamental na apropriação das idéias e nos processos de resignificação ocorridos posteriormente. Não podemos concordar que existe uma aceitação tácita das “verdades” construídas pela imprensa ou parte dela pelo público envolvido. É uma relação de troca onde a mediação da imprensa é muito importante como salienta bem a autora:

As narrativas da derrota e os perfis de vilão surgidos e divulgados pela imprensa são um interessante veículo que pode nos dar acesso ao que significa ser derrotado no Brasil, já que as interpretações lançadas sobre o mau desempenho da seleção são, muitas vezes, permeadas de um imaginário da derrota que ultrapassa o terreno futebolístico. Questões relativas à identidade nacional também surgem a partir das reações que se tem toda vez que o selecionado nacional não conquista a taça do mundo. Os vilões e as narrativas da derrota produzidas pela imprensa também são uma boa oportunidade para pensarmos o papel que os meios de comunicação desempenham na relação que estabelecemos com os esportes e, especificamente, com o mais popular do país. Afinal, tanto a vitória quanto a derrota podem ter seu efeito mais que redobrado dependendo do tipo de significado com os quais se reveste um jogo. E é extremamente relevante o papel da imprensa esportiva nesse processo de atribuição, produção e circulação de sentidos que gravitam no universo futebolístico. E essa mediação desde 1950 só tem aumentado. A visão que temos de uma partida é amplamente perpassada pela interferência dos meios de comunicação. Uma relação que, entretanto, não pode ser compreendida como uma estrada de mão única, pois como espectadores e torcedores participamos ativamente da produção de sentidos que compõe o universo do futebol. (COSTA :9-10,2008)

Se em algumas derrotas a carga simbólica é extrema, obviamente que nas grandes vitórias a relação de construção da memória e formação identitária também estão muito fortes. Marco Santoro e Antônio Jorge Soares investigaram em sua obra a “Memória da Copa de 70”, a imagem da seleção canarinho, um dos principais símbolos da idéia de “futebol-arte” brasileiro. Esta equipe tricampeã no México em 1970 é venerada mundialmente pelo excelente futebol praticado no torneio e a qualidade técnica dos seus jogadores.

Todavia, ao comparar os jornais de 1970 com periódicos de 1998 e 2002, os autores identificaram que um elemento fundamental para o bom rendimento da equipe, a excelente preparação física, é praticamente ignorado nas reportagens que remetem à memória desta Copa.

Enquanto nas reportagens de 70 são feitas muitas referências ao ótimo trabalho físico desenvolvido por especialistas como o professor Lamartine Pereira da Costa do Centro de Esportes da Marinha, responsável pelo programa de “altitude training” do

diretamente, sem nenhum filtro aos receptores. Para maiores informações ver o livro Teorias da Comunicação de Mauro Wolf.

Planejamento México³ junto com membros da EsEFEX (Escola Superior de Educação Física do Exército) como Manuel Tubino, Cláudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira entre outros⁴, nas matérias analisadas pelos autores em 1998 e 2002 a preparação física dos atletas raramente é mencionada, sendo o mérito atribuído quase que exclusivamente a técnica apurada dos jogadores, a plasticidade das jogadas do chamado “futebol-arte” brasileiro.

As narrativas atuais esquecem fatos centrais ocorridos durante a vitoriosa campanha da Copa de 70. Observaremos, a seguir, que essas matérias jornalísticas esquecem a preparação física do Planejamento México. Elas esquecem os êxitos ligados aos avanços científicos e tecnológicos no campo do esporte e rememoram aspectos que reforçam as características do que se acredita ser a essência do brasileiro.

Essa figura explicita os argumentos perante as edições que a imprensa esportiva constrói em relação ao “futebol-arte”, e que vão ao encontro do reforço identitário nacional. As memórias reeditadas “enquadram” as memórias em relação às demandas do presente (SANTORO e SOARES: 2009,51)

O conceito desenvolvido por Michael Pollack (1989) de “enquadramento da memória” diz respeito a relação que existe entre a construção da memória e a manutenção de identidades. No “jogo” das representações identitárias o fio condutor acaba sendo pautado pelas necessidades de uma memória coletiva que reproduza os valores necessários ao fenômeno de identificação comum. O “esquecimento” do ótimo trabalho feito pela comissão técnica no que concerne a preparação dos atletas na Copa de 1970 não ocorre por acaso, mas também não podemos afirmar que é proposital.

Está claro que se a seleção de 70 não fosse muito técnica, tivesse vencido todas as partidas, feito gols maravilhosos e conquistado o tricampeonato de maneira incontestável, um discurso exacerbado e, as vezes excessivamente ufanista, do futebol brasileiro como mágico e incomparável não teria ressonância. Porém essa seleção tornou-se emblemática tanto no Brasil quanto no exterior apenas pelo seu caráter dionisíaco e o fato dos jogadores brasileiros terem sido aclamados como os melhores preparados fisicamente do campeonato raramente é mencionado.

³ O “Planejamento México” é o nome dado a capacitação física dada a equipe brasileira antes da Copa de 1970. Foi coordenado pelo professor Lamartine mais contou com diversos especialistas e foi fundamental para a boa preparação da equipe e a aclimatação na altitude.

⁴ Obviamente que a conjuntura histórica do período militar pode ter contribuído para enfatizar os métodos da preparação da seleção e a importância dos oficiais envolvidos, mas o mérito da preparação física é inegável e tanto a sua afirmação, quanto o seu esquecimento representam momentos de “enquadramento da memória”.



Na Argentina por exemplo, Ronaldo Helal ao investigar o olhar da imprensa local sobre o futebol brasileiro identificou que apesar do recente acirramento da rivalidade entre as duas potências futebolísticas, a equipe de 70 também é considerada um paradigma do futebol-arte, ou do “jogo bonito” como regularmente os “hermanos”⁵ se referem ao futebol brasileiro.

É importante ressaltar também, que a seleção brasileira de 70 é tratada nos jornais argentinos como “a melhor seleção de todos os tempos”. Nas capas históricas da revista “El Gráfico”, tem uma com a foto desta seleção, com a seguinte legenda “el inolvidable equipo de México 70”. E no jornal Olé, o que mais provoca a seleção brasileira, a equipe de 70 é tratada como “el equipo maravilha” e la “mejor equipo de todos los tiempos” (HELAL:2007, 171)

Ademais, Helal identifica que na referida Copa os periódicos argentinos valorizam o Brasil por ser um representante da escola sul-americana além dos uruguaios cuja rivalidade era muito mais intensa. Os argentinos, que não participaram do torneio, eliminados na qualificação pelos peruanos, aparentemente apoiavam as vitórias dos representantes do continente.

Curiosamente em artigo de Helal e Cabo foi possível identificar que no Uruguai o Brasil também foi visto como representante da escola sul-americana contra a européia na final. Mesmo após a eliminação da seleção “celestes” pelo Brasil nas semifinais por 3 a 1, após um processo de acionamento da memória de 50 no veículo analisado e das reclamações sobre a alteração feita pela FIFA do local da realização da partida⁶, o teor das reportagens era amplamente favorável aos brasileiros, conforme observação abaixo:

É importante destacar que nem mesmo a indignação uruguia quanto à mudança da localização da partida semifinal, ou a visão externa de que a seleção de 1970 estaria vingando a derrota de 1950 fizeram com que os jornalistas do “El PAIS” deixassem de enaltecer o futebol brasileiro elevando-o a um grandioso representante da escola sul-americana, forjando assim uma identidade futebolística comum. (HELAL e CABO: 2009,110)

b) Representações coletivas e a construção dos mitológicos estilos de jogo.

⁵ Forma como muitos brasileiros se referem aos argentinos no “senso comum”.

⁶ O artigo “Jornalismo esportivo e o acionamento da memória: o “Maracanazo” 20 anos depois” analisou o discurso das reportagens do jornal El PAIS durante a Copa de 1970, enfatizando o processo de acionamento da memória da final de 1950 na seleção das reportagens publicadas nos dias anteriores a disputa da semifinal. O jornal uruguaio reclamou bastante da mudança da partida que a princípio seria disputada na Cidade do México para Guadalajara, onde a seleção brasileira se encontrava. É emblemático que segundo Helal os jornais argentinos em 1970 também ressaltam este fato, enquanto no Brasil ele praticamente caiu no esquecimento.



O que seria então essa escola sul-americana? Como surge a representação dos estilos de jogo associados à localização geográfica e as supostas características dos povos ou de determinadas camadas sociais?

As primeiras décadas do século XX serão fundamentais para o desenvolvimento do futebol na América do Sul e em toda Europa, porém no caso específico dos países do Rio da Prata e do Brasil a representação dos estilos de jogo futebolísticos adquirem conotações identitárias em conjunturas históricas específicas perpetuando mitos e estereótipos que tem ressonância até os dias atuais.

No caso do futebol argentino por exemplo, Eduardo Archetti descreve a construção da imagem do futebol “criollo” apoiado nas “gambetas” e na técnica da improvisação lúdica dos filhos de imigrantes europeus, excluindo propositalmente os descendentes de ingleses. Essa tese teria sido em grande parte difundida a partir da década de vinte do século passado pela Revista El Gráfico e cronistas como o mítico Borocotó e Chantecler, sendo que o principal mito fundacional opõe o estilo criollo como técnico, lúdico e individual a uma suposta forma de jogo britânica: tática, formal e coletiva.

Apesar de estabelecerem pequenas distinções⁷, o discurso sobre o futebol “criollo” nesta conjuntura estende-se em muitos momentos aos uruguaios estabelecendo o mito da poderosa escola rioplatense que estará presente na imprensa uruguaia em 1930 e até mesmo em 50, fortalecendo assim uma oposição a um suposto estilo de jogo “europeu”. Essa visão é reforçada pela heteroimagem da imprensa internacional segundo o autor desde a primeira vitória olímpica uruguaia em Colombes (França-1924) e a excursão do Boca Juniors um ano depois, e consolidada após as finais de 1928 em Amsterdam e a primeira Copa do Mundo em 1930 disputada entre os vizinhos do Prata.

La victoria uruguaya en los Juegos Olímpicos de Paris en 1924 y la exitosa gira de Boca Juniors – un equipo de primera división- a través de varios países europeos en 1925, confirmaría la existencia de un fútbol “rioplatense” diferente del fútbol europeo e inglés. Hasta 1925, año de la gira de Boca, los argentinos eran más ingleses que los uruguayos incluso en la percepción de los mismos jugadores uruguayos (EL GRÁFICO N. 190, 1923:4, Y N. 205, 1923:15). Los europeos contribuyeron a este cambio a través de su propia definición del fútbol “rioplatense” practicado tanto por argentinos como por uruguayos. (ARCHETTI, 2003- 95)

⁷ Um exemplo está na oposição feita pelo cronista Chantecler na Revista El Gráfico onde os argentinos jogariam com o coração, seriam mais rápidos e agressivos, enquanto os uruguaios jogariam com a cabeça, seriam mais calmos e românticos. in (ARCHETTI: 2003, 103)



É importante ressaltar que ambos os países platinos, a identificação com um estilo de jogo rioplatense, mais técnico que utilizaria bastante o “dribbling” ou a “gambeta criolla” tem como símbolo de oposição o inglês que durante grande parte do século XIX e até a primeira Guerra Mundial exercia enorme influência econômica em toda a América do Sul e mais acentuadamente nos países do Prata.

Todavia, apesar das diversas referências a um futebol comum entre os vizinhos, a construção da “viveza criolla”, que seria um estilo artístico argentino de se praticar o futebol, está diretamente relacionada à exaltação de uma determinada camada social no âmbito específico do campo das masculinidades conforme demonstra Archetti e a prática nos bairros pobres e pequenos campos de várzea.

O processo de diferenciação do jogo inglês que serve como modelo de oposição para a definição de um estilo futebolístico próprio e identificado com a Nação e a modernidade é atribuído aos filhos dos imigrantes, sobretudo espanhóis e italianos, que miticamente comungariam de valores “nacionais” argentinos como a paisagem dos pampas, a alimentação a base das saborosas carnes, o “ethos” do gaúcho conforme assinala o autor:

El fútbol en la Argentina se considera opuesto a la disciplina escolar. El proceso de criollización implicó un viraje de la escuela a la calle y de lo británico a los nuevos híbridos, productos de la inmigración no británica. En este sentido, y contra los valores de coraje y fuerza de voluntad, los jugadores de fútbol argentino representan casi lo opuesto: fueron descritos como sensibles, artísticos y grandes improvisadores. En el ámbito internacional del fútbol en la década de 20, los jugadores argentinos representaban algo distinto para los europeos, como ya lo he explicado antes: la encarnación de la gambetta y el individualismo extremo. El estereotipo establecido del hombre moderno fué de esta manera desafiado por los híbridos argentinos. (ARCHETTI: 2003,109)

No que concerne o futebol uruguaio pode-se identificar que a construção de um estilo de jogo próprio também está diretamente ligada as décadas de 20 e 30, constituindo o seu ápice na vitória da Copa de 1950 conhecida como o “Maracanazo”.

O sociólogo Rafael Bayce assinala que a construção de uma auto-imagem “neomítica” de picardia “criolla”, além da capacidade natural de improvisação reforçadas externamente pela imagem exógena da imprensa internacional que colocava os uruguaiois como superiores devido as conquistas olímpicas e no primeiro mundial, são desenvolvidas neste período e extremamente fortalecidas pelos meios de comunicação.

És este uno de los tantos ejemplos de construcción de representaciones colectivas a partir de una mezcla de narrativas épicas periodistas

impuestas como explicaciones diletantes en la opinión pública. La influencia de los mass-media no es nueva; siempre construyó el inconsciente colectivo y los estereotipos creando y combinando autoimágenes y heteroimágenes. Es un apasionante proceso de seguimiento discursivo y narrativo que el Uruguay se debe, tanto desde sus periodistas especializados como de sus científicos sociales (BAYCE: 2003, 168)

Internamente o que distingue o futebol uruguaio do argentino dentro da decantada escola rioplatense seriam segundo o autor, as representações geradas pela garra “charrúa” e a mística do uniforme “celeste”. Efetivamente no material jornalístico analisado na minha dissertação, a supervalorização destes elementos fica muito evidente nas reportagens e crônicas relativas tanto a Copa de 1930, quanto em 50, fato que corrobora as observações abaixo feitas pelo autor:

Si el estereotipo endogenerado de la “picardia” nos diferenciaba como rioplatenses del resto del mundo en la autoimagen adoptada pela opinión pública desde la épica narrativa periodística, la garra “charrúa” o “celeste” (mientras que los charrúas eran los más famosos e indómitos aborígenes que habitaban el ahora Uruguay, el celeste es el color de la camiseta nacional y uno de los de la bandera) era nuestra “diferencia específica” con los argentinos, más allá de la común picardía que nos distinguía del resto del mundo futbolístico. Esta fue otra autoimagen endogenerada que se exportó con éxito y que contribuyó a nuestro atraso técnico, táctico y de entrenamiento que tan caro costó reconocer y que no terminamos de superar, aunque también es cierto que contribuyó a lograr triunfos importantes en lo deportivo, no sólo futbolísticos. (BAYCE:2003, 168-169)

No futebol brasileiro, a idealização do estilo de jogo do futebol-arte, representação que permanece muito forte até os dias atuais quando se refere à seleção brasileira, tem seu embrião em um artigo do intelectual Gilberto Freyre, escrito para o Jornal o Diário Associados de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938 na França. “Foot-ball mulato” atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação. O autor afirma:

Acaba de se definir um estylo brasileiro inconfundível de foot-ball; e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer, em dansa, curvas ou em musicas technicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam ellas de jogo ou de architectura. (Diário de Pernambuco – 15/06/1938)

É fundamental destacar a conjuntura histórica brasileira do período varguista do Estado Novo e a importância do pensamento freyreano para uma construção de uma nova visão do povo brasileiro. Desde a publicação da obra “*Casa- Grande e senzala*” em 1933, as discussões propostas por Freyre sobre a integração racial brasileira e o



papel do negro na sociedade serão fundamentais para se estabelecer um novo horizonte nas formas de se pensar o Brasil. Segundo o historiador Denaldo Alchorne de Souza:

Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original dos fundamentos do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância numa sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil anti-racista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial (SOUZA: 2008, 187)

Especificamente sobre o estilo de jogo brasileiro e a visão de Freyre o sociólogo Bernardo Buarque de Holanda demonstra a oposição estabelecida a partir do artigo escrito na Copa de 1938 e publicado posteriormente na obra *Sociologia* (1943) sobre um momento fundamental para o futebol brasileiro, pois é a primeira vez que uma equipe nacional se destaca em uma Copa do Mundo, e Leônidas da Silva se torna o artilheiro e craque do torneio.:

As observações sobre a Copa do Mundo de 1938 proporcionaram ao autor de Casa-Grande e senzala a identificação de um estilo autêntico de se jogar futebol no país. Em notas do seu livro *Sociologia* (1943), Gilberto Freyre contrapõem o futebol-arte brasileiro ao futebol científico europeu. Ao amoldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva. A diferença baseada na habilidade e na surpresa seria a chave decifradora do sucesso brasileiro em partidas internacionais (HOLANDA:2004,62)

No imaginário esportivo a influência freyreana também é profundamente marcante na obra do jornalista Mario Filho, “*O Negro no futebol brasileiro*”, pois além de ambos serem amigos, Gilberto Freyre escreve o prefácio do comentado e atualmente polêmico livro.

A importância do Negro no futebol brasileiro é notória em diversos trabalhos jornalísticos e acadêmicos, propagando muitas vezes uma mítica ascensão do negro na sociedade. Porém a partir das críticas estabelecidas por Antônio Jorge Soares a utilização da obra como fonte histórica e a diversas conclusões feitas pelos autores classificados por Soares como os “novos narradores”, o debate em torno da obra ensejou um tensionamento no campo acadêmico dos estudos sobre o futebol no Brasil possibilitando assim uma diversificação na busca dos objetos e sobretudo das fontes.

Na coletânea de artigos “A Invenção do país do futebol: Mídia, raça e idolatria” organizada por Helal, o debate se materializa com as visões contrapostas. Soares critica os “novos narradores” por serem pouco criteriosos ao lidar com a obra e interpretá-la como fonte fidedigna da História como pondera no trecho a seguir:

Os cientistas sociais que utilizam a obra de Mario Filho a qualificam de verdadeira, objetiva e completa. Parecem anunciar que, de fato, pouco se teria a dizer sobre o período coberto pela obra em questão. Contudo a utilização acrítica de dados e interpretações do NFB faz com que os “novos narradores” acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho, embora desejem atacar a democracia racial e acentuar o racismo ou a segregação na sociedade brasileira. Deixam de considerar que o NFB e seu autor sofreram a influência dos anos 30 e 40, marcados sobretudo pela mentalidade nacionalista e pela esperança da conciliação racial. (SOARES: 2001, 15)

Helal e Gordon contra-argumentam Soares apesar de concordarem com algumas críticas apontadas :

É fundamental como faz Soares, perceber que a identidade nacional é uma construção que o discurso intelectual oficial, “essencializa”. Porém o fato é que essa identidade é ou pode ser uma invenção que tem o “Estado-Nação” por trás, não suprime o fato que ela é “real”, depois que instaurada, que ela tem uma eficácia. Herzfeld (1985,1997), por exemplo vem demonstrando como os discursos de identidade nacional e etnicidade podem ser extremamente convincentes, servindo de base para toda uma série de manipulações e legitimações retóricas pelos diversos grupos sociais envolvidos. O futebol – e a Copa do Mundo é um momento em que isso é realçado ao máximo – é um veículo poderoso de expressão dessas identidades nacionais (mesmo que construídas).(HELAL e GORDON: 2001,67-68)

Neste sentido o debate em torno da clássica obra do jornalista que revolucionou a imprensa esportiva brasileira gerou um crescimento em torno da temática e a possibilidade de estabelecer alguns pontos comuns necessários a uma pesquisa acadêmica no âmbito do futebol:

- a) A busca de uma diversidade e maior zelo com a utilização das fontes, inclusive com a análise do Negro no Futebol Brasileiro.
- b) Atenção com as representações coletivas geradas, sobretudo, através dos meios de comunicação, e a sua influência na sociedade independentemente de uma incontestável veracidade factual.
- c) Importância de um enquadramento teórico mais aprofundado nas diferentes abordagens possíveis sobre o tema.

Em interessante artigo sobre a cobertura midiática das copas do mundo desde 1974 até 2002, Andrew Tudor da Universidade de York aponta para os problemas de uma construção acrítica de estereótipos esportivos futebolísticos associados à identidade nacional que são exarcebados nos períodos de Copas do Mundo:

The stereotyping processes themselves exhibited both individual and collective dimension. Particular players were constructed (and, in changing circumstances, reconstructed) by reporters as bearing certain

attributes, while teams were accorded distinctive stylistic traits presumed to derive from their histories and national character. (TUDOR: 2006, 223)

Neste sentido, é importante utilizar um referencial teórico para analisar as representações coletivas geradas pela imprensa sobre Copas do Mundo. Na minha dissertação sobre o discurso da imprensa uruguaia nas Copas do Mundo de 1930 e 1950 tive como base conceitos desenvolvidos pelo historiador Eric Hobsbawm sobre a “invenção das tradições” e de Benedict Anderson que aproxima a idéia de Nação a uma “comunidade imaginada”.

O historiador inglês assinala a importância das tradições inventadas para a organização dos Estados Nacionais no que concerne a legitimação das identidades nacionais distinguindo duas espécies: invenções políticas e sociais da tradição, conforme os exemplos abaixo :

O termo tradição inventada é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Incluí tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado no tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. A transmissão radiofônica real realizada no natal da Grã- Bretanha (instituída em 1932) é um exemplo do primeiro caso; como exemplo do segundo, podemos citar o aparecimento e evolução das práticas associadas à final do campeonato britânico de futebol. (HOBSBAWN :1997,9)

Faz-se mister esclarecer que uma “tradição inventada” é um conceito que se distingue do costume nas sociedades “tradicionais” e que se caracteriza pela repetição e invariabilidade de um passado real ou forjado. No exemplo acima, a tradição radiofônica é criada institucionalmente pelo governo inglês, configurando uma espécie política enquanto as práticas presentes na final do campeonato britânico ocorrem a partir das manifestações sociais.

Assim sendo, as Copas do Mundo desde a sua primeira edição são eventos potencialmente geradores de tradições inventadas políticas: os desfiles de inauguração, a construção de grandiosos estádios, a representação da Nação por 22 homens, e também sociais como os estilos de jogo, as potências tradicionais (países com camisa), enfim, múltiplas possibilidades ao longo da História das Copas em um torneio cada vez mais espetacularizado.

Essa relação específica de potencialização da identificação com a Nação nos períodos de Copas do Mundo pode ser mediada pelo conceito de Anderson de comunidades imaginadas:

Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana.

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON – 2008, 32)

No período das Copas, uma catarse coletiva atinge países como o Brasil onde o futebol tem essa representatividade. Quantos slogans, músicas ufanistas com estrofes emblemáticas “90 milhões em ação, Pra Frente Brasil” ocorrem tanto em períodos de ditadura militar, quanto mais recentemente em pleno governo democrático exercido pelo Partido dos Trabalhadores, vide o famoso bordão cantado nos estádios e ruas: “sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”.

Mesmo com todo o processo de globalização e um possível esmaecimento da identificação com a seleção nas últimas Copas segundo observa Ronaldo Helal, no período dos torneios essa comunidade imaginadas parecem ressurgir como fênix das cinzas.

Na primeira metade do século XX, a formação recente dos Estados Nacionais latino-americanos e a necessidade de instrumentos de identificação nacional podem ter influenciado de maneira mais forte a construção de estereótipos relativos ao jogo que transcendiam o domínio esportivo e marcavam a realização de grandiosos eventos.

Enquanto no Uruguai as bases desportivas da identificação com a Nação remontam as glórias da década de 20, como assinalam Daniela Bouret e Gustavo Remedi (2009, 294-295), a partir dos anos 30 no Brasil e na Argentina principalmente, as práticas esportivas passaram a ser inclusive objeto de intensa propaganda política onde o desenvolvimento dos meios de comunicação, através do crescimento das transmissões radiofônicas e proliferação de periódicos nos países possibilitou uma aproximação maior dos cidadãos com o esporte a idéia de Nação proposta pelos seus governantes .

O historiador Maurício Drummond ao comparar em sua obra “*Nações em campo: Esporte e propaganda política em Vargas e Perón*”, as práticas esportivas e a propaganda política nos regimes de Getúlio Vargas e Juan Domingos Perón identifica a importância atribuída ao esporte na construção de um vínculo da população com a Nação. Ambos se utilizam bastante do rádio, de aparições em espetáculos esportivos e de órgãos públicos específicos como o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda),

no Brasil e a Secretaria de Imprensa e Difusão, na Argentina. Sobre a propagação de concepções identitárias para as massas, o autor assinala a importância da mídia:

Dessa forma, se faz necessário indagar como estas concepções de identidade foram difundidas nas massas. Os meios de comunicação massivos desempenharam um papel fundamental. A imprensa, o rádio e o cinema permitiram que cidadãos das mais diversas regiões do país se identificassem através de uma vivência cotidiana de nação. E tanto o governo de Juan Perón como o de Getúlio Vargas tiveram uma grande preocupação com o controle dos meios de comunicação e com a sua utilização efetiva como difusor da propaganda política do regime (DRUMOND :2008, 53)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, com a influência notória dos meios de comunicação desde as primeiras décadas do século, e destarte as teorias apocalípticas do futebol como ópio popular, incontestavelmente o futebol se consolidou em quase todo o mundo como importante elemento cultural. As Copas transformaram-se em mega-eventos ritualísticos cujo espetáculo é assistido por cerca de um bilhão de pessoas, mobilizando recursos econômicos e políticos que afetam os “jogos” identitários mesmo em tempos de padronização cultural e questionamento dos Estados Nacionais.

Para Le Goff a relação memória coletiva, história e mídia são intensificadas a partir da contemporaneidade e podemos afirmar que as Copas do Mundo caracterizam-se indiscutivelmente em eventos que influenciam diversas sociedades e retroalimentam –se a partir das representações coletivas. Há cada quatro anos a metáfora de que o mundo pára para assistir as Copas parece cada vez mais concreta, sobretudo em países onde a identificação coletiva nacional passa também pelo futebol como Argentina, Brasil e Uruguai.

A construção de representações coletivas pela mídia que se ocupam, sobretudo com os propagados “estilos de jogo” de cada nação criam verdadeiros mitos que transcendem as gerações e se afirmam como verdades filosóficas absolutas que necessitam cada vez mais serem questionadas e refletidas, pois no máximo são simulacros de um discurso específico de uma época distante, mas que tal qual catequese dominical são doutrinas que se espalham ao longo das Copas e através da memória coletiva indiscriminadamente por diversos órgãos da imprensa.

Será o “futebol-arte” uma consequência da “garra charrúa” que se mesclou com a “viveza criolla” e adotou o “dribbling” escocês, ou tudo é uma mera representação



pavimentada nas memórias coletivas nacionais e debatida insanamente nas mesas-redondas televisivas e cadernos de esporte dos principais periódicos?

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- BOURET Daniela e REMEDI Gustavo. *El nacimiento de la sociedad de masas (1910 -1930)*. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.
- BAYCE, Rafael. “*Cultura, identidades, subjetividades y estereotipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo*”. In Pablo Alabarces (org). *Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- COSTA, Leda Maria. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira*. Tese de doutorado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Departamento de Letras. 2008
- DRUMMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- FILHO, Mario. *O Negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad: 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- HELAL, Ronaldo e CABO, Alvaro. *Jornalismo esportivo e acionamento da memória: o “Maracanazo” 20 anos depois*. In Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. V. 14, n.2. Recife: Ed. Universitária, 2009.
- HELAL, Ronaldo e LOVISOLO, Hugo. *Jornalismo e Futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar*. In Comunicação e esporte: diálogos possíveis/ org José Carlos Marques. São Paulo: Artcolor, 2007.
- HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOLANDA, Bernardo Buarque. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- HOBSBAWN, Eric J. e Ranger, Terence. *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *Memória*. In *Enciclopédia Einaldi Memória – História vol. 1*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- NORA, Philippe. *Les lieux de mémoire*. Paris: Galimard, 1984.
- POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In Estudos Históricos v.2, n.3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- SANTORO, Marco e SOARES Antônio Jorge. *Memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SOUTO, Sérgio. *Imprensa e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense.
- SOUTO, Sérgio. *Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002*. In Mídia e Memória (org) Ana Paula Goulart Ribeiro e Lucia Ferreira. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- SOUZA, Denaldo Alchorne. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Anablume, 2008.
- TUDOR, Andrew. *World Cup Worlds: Media Coverage of the Soccer World Cup 1974 to 2002*. In: RANEY, Arthur; BRYANT, Jennings (ed.). *Handbook of Sports and Media*. New York: Routledge, 2006.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.